

publicou. Um pseudônimo bastante expressivo, aliás; é latim, e significa “Riamos”, ou “Vamos rir”.

Este amável convite ao bom humor foi característico de toda uma geração de escritores europeus, que via no riso e na sátira uma forma de denúncia. Estamos falando dos anos vinte, “anos dourados”, “anos loucos”, em que Berlim, cidade do escritor, tornou-se a capital da Europa. Neste contexto, a obra de Rideamus tinha um papel importante, um papel ainda hoje lembrado: nas viagens que fiz à Alemanha, muitas vezes vi seus livros em vitrines de livrarias. Numa época em que o “best-seller”, a renovação, é a regra, tal permanência é significativa. Trata-se de uma obra extensa e diversificada: poemas, libretos, obras teatrais. Fritz Oliven deixou uma família em que o talento é a regra (sou suspeito para afirmá-lo, para podem confiar na minha avaliação). Esta família, e os amigos, preservaram a lembrança de Fritz Oliven, que agora é partilhada com o público gaúcho e brasileiro. É uma lembrança importante, uma verdadeira herança cultural, da qual o Rio Grande do Sul, que tão generosamente acolheu Rideamus, pode se orgulhar.

Introdução

Prof. Dr. Michael Korfmann*

Tradução: Gina Brusamarello

O texto a seguir - no original intitulado Rideamus: Die Geschichte eines heiteren Lebens / von ihm selber - foi escrito no final dos anos 40, em Porto Alegre, e publicado em 1951 pela editora Füllhorn de Berlim, sendo posteriormente reeditado pela editora Goldmann como livro de bolso. Trata-se de uma “autobiografia” no espírito programático do escritor, Rideamus ou “Vamos rir”, em português. O livro apresenta um olhar sobre o passado e a vida do autor - cujo nome civil é Fritz Oliven - no qual elementos verídicos e ficcionais, momentos alegres e outros um pouco melancólicos se misturam. Como não era a intenção de Rideamus apresentar um depoimento fático, mas uma história marcada por um tom humano - humorístico, o leitor não encontrará indícios diretos referentes ao tempo histórico em que viveu: a ascensão do nacional-socialismo, a perseguição e o extermínio dos judeus ou a fuga da Alemanha; também não fala sobre o exílio em Porto Alegre, onde chegou em 1939 e onde faleceu em 1956. Em vez disso o leitor pode se deliciar com cenas domésticas e profissionais bastante inspiradas e engraçadas, dando assim uma idéia das convivências e formas sociais predominantes na vida do autor e da época. Certamente esta opção se origina da qualidade maior do humor: o riso resiste a ordem fática e se retira de seu abraço, como Jean Paul já havia notado em relação à filosofia: “O risível nunca se encaixa nas definições dos filósofos”. Além do mais é de admirar que Rideamus, depois de ter passado por todo o sofrimento resultante do hitlerismo, ainda consiga manter uma postura humana e compreensiva e a leveza que caracterizam as páginas aqui traduzidas pela primeira vez em português. Se a constatação de B. Brecht de que “nós, alemães, nos gabamos muito de nossa seriedade, achamos que a leviandade é o oposto da seriedade e que aquela precisa ser condenada” pudesse, talvez, aplicar-se à crítica especializada, o mesmo certamente não vale para o gosto do público, o qual fez de Rideamus, conforme Peter P. Pachl, professor do Instituto de Música da Universidade de Bochum/

* Professor do Instituto de Letras - UFRGS.

Alemanha e ele mesmo tendo encenado várias obras de Rideamus, o “humorista mais conhecido de sua época”.

Seja o que for, o próprio Rideamus conhecia bem esta restrição e tirou proveito deste preconceito, de forma humorística, ao escrever o seguinte sobre o seu trabalho: “Eu havia escrito um texto. Em versos e rimas, porque é mais fácil. Não é preciso refletir muito sobre a ação, o estilo e a construção. A rima se ocupa de tudo. E, mais um conselho: quando o texto estiver pronto, deve-se verificar se alguma idéia surge dentro dele repetidas vezes. Para esta idéia se faz uma rima particularmente bonita, e coloca-se no final da peça. As pessoas consideram isso ‘simbólico’ e todos ficam satisfeitos”.

Se, na prosa deste livro, não havia espaço para o contexto histórico em si, ele existe na introdução. Gostaria então de aproveitar esta oportunidade e compartilhar com o leitor algumas informações adicionais referentes à figura e a pessoa conhecida como Rideamus. Parte destas informações foi disponibilizada por seu filho, Klaus Oliven, através do livro *My family history*, publicado no ano de 2001, bem como através de pesquisa em seu arquivo pessoal e a quem muito gostaria aqui de agradecer por sua gentileza e disposição em colaborar.

Fritz Oliven nasceu em 1874 na então Breslau. Aos 13 anos foi enviado à Berlim para estudar; a família o seguiria em breve. Seu desejo, desde muito cedo, de tornar-se escritor, foi pouco compreendido por seus pais. Por esta razão, publicou sob o pseudônimo programático de Rideamus. Mais por um sentimento do dever cumprido do que por convicção, concluiu a Faculdade de Direito e seus estudos com o doutorado, em 1895, em Leipzig. Mas sua atividade como jurista limitou-se a alguns poucos casos como defensor público, sendo que a tarefa primordial do auxiliar de seu escritório consistia em recortar e colar resenhas de jornais que continham trabalhos publicados ou citados. As pastas contendo as críticas colecionadas encontram-se ainda hoje em poder da família Oliven, em Porto Alegre.

Em virtude do rápido sucesso literário – o livro de versos humorísticos Willis Werdegang (1902) tornou-se um dos bestsellers do ano -, logo Rideamus pôde dedicar-se exclusivamente ao trabalho de escritor. Seus livros de versos como *Berliner Bälle* (1904), ilustrados por artistas renomados da época como Edmund Edel, atingiram tiragens da ordem de milhões de exemplares e foram apresentados por recitadores profissionais, como Marcell Salzer, nos palcos dos Varietés de Berlim e outros locais. Kafka também se refere a Rideamus – em registro no diário datado de 27.11.1912 – como um nome representativo deste gênero literário. Além de continuar escrevendo poesia, começava a escrever letras para as canções apresentadas no *Überbrett*, o primeiro cabaré literário de Berlim, fundado em 1901 por

Ernst von Wolzogen nos moldes do chat noir parisiense e, também por um breve período, local de trabalho de Arnold Schönberg, que se tornou conhecido posteriormente por suas composições dodecafônicas ou expressionistas. A riqueza, a amplitude e efervescência cultural da época também são destacadas por Robert Musil no seu grande romance *Homem sem qualidades*:

Amava-se o super-homem e também o subhomem; adorava-se a saúde e o sol, adorava-se a fragilidade de mocinhas tuberculosas; havia entusiasmo pelo herói e pelo homem comum; havia a um só tempo crentes e céticos, naturalistas e sofisticados, robustos e mórbidos; sonhava-se com velhas alamedas de castelos, jardins outonais, lagos de vidro, pedras preciosas, haxixe, doença, demônios, mas também com prados, horizontes imensos, forjas e laminadores, lutadores nus, rebeliões de operários escravizados, casais primitivos e destruição da sociedade.

Foi neste ambiente que Rideamus encontrou o compositor Oscar Straus, então regente da orquestra do *Überbrett*. Da colaboração entre ambos – Rideamus atuava como libretista e Straus era responsável pela parte musical – surgiram obras de grande sucesso como, por exemplo, *Die lustigen Nibelungen** (Os alegres Nibelungos), encenado em 1904 ou *Hugdietrichs Brautfahrt* (Hugdietrich à procura de uma noiva), no ano seguinte. Característicos destas peças são o deboche textual e musical, neste caso do estilo pomposo wagneriano, e os versos irônicos sobre os costumes da época do Kaiser Guilherme II, de certa forma são comparáveis às paródias de Jaques Offenbach, referentes à Paris de Napoleão III. *Hugdietrichs Brautfahrt*, por exemplo, culmina na hilariante cena em que o protagonista – na intenção de se casar, embora com sérias dúvidas sobre o sexo oposto – se transveste de mulher para assim conhecer melhor o universo feminino. Os ataques aos supostos valores nacionais não ficaram sem consequências: a encenação dos *Alegres Nibelungos* em Graz/Áustria, no ano de 1906, resultou em violentos protestos de grupos estudantis conservadores e de direita, revoltados com a “difamação” e ridicularização da “herança germânica”, resultando no cancelamento da temporada nesta cidade.

Da parceria com outro músico, Eduard Künneke, surgiu outra opereta de grande repercussão internacional e executada no mundo inteiro: *Der Vetter aus Dingsda** de 1921, em português, literalmente *O primo de não sei mais donde*. A aparente dificuldade de tradução deste título levou a

* Disponível em CD na biblioteca do Instituto Goethe – Rua 24 de Outubro, 112 – Porto Alegre.

denominações variadas nas encenações estrangeiras. Na Espanha, por exemplo, se chamava *El primo de las Índias*, na Inglaterra *The cousin from nowhere* e nos Estados Unidos *Caroline*. Trata-se de um des(encontro) entre uma moça e seu amado primo, que havia estado ausente por sete anos no país fictício da “Batavia” e agora é esperado de volta: o fato de que o viajante se revela outro homem, diferente do verdadeiro primo, mostra-se irrelevante: nomes e aparência são deixados em segundo plano e o casal se une assim mesmo. A popularidade da opereta resultou também em um filme de mesmo nome nos anos 50 e tanto *Die fröhlichen Nibelungen* como *Der Vetter aus Dingsda* são até hoje freqüentemente apresentadas nos palcos dos teatros alemães. Também se nota uma certa reavaliação do gênero da opereta. Surgido no final do século XIX e de grande popularidade, carregava freqüentemente o estigma de ser *kitsch* e alheio à realidade. Em contrapartida, há vezes como a de Volker Klotz, professor de literatura na Universidade de Stuttgart e autor de diversas obras especializadas sobre o gênero, para quem ela está livre da suspeita de ser simplória: “A opereta é melhor do que sua reputação: uma arte de valor intrínseco, progressiva, vital e vitalizadora”. Na opereta, as opressivas relações de poder do dia-a-dia são ironicamente invertidas e reviradas, e assim, enfraquecidas. Boas operetas são “peças teatrais que unem elementos musicais dramáticas e cênicos e se debatem contra posturas petrificadas e obstinadas perante a vida”, formula Klotz em sua obra referencial *Operette*.

Além de livros humorísticos e libretos, Rideamus escreveu nos anos 20, em parceria com Herman Haller e Willi Wolff (texto) e Walter Kollo (música), famosas canções para diversas temporadas da *Haller-Revue* no *Admirals-Palast*, na *Friedrichstrasse* de Berlim. Estes *revués* encenavam luxuosos programas que mesclavam – em cenários exuberantes – dançarinas, acrobatas e apresentações musicais. Canções apresentadas nestas ocasiões – com os textos escritos por Rideamus – foram interpretadas por renomados intérpretes da época e gravadas em discos, como por exemplo, “Mit Dir, mit Dir möcht’ ich am Sonntag angeln geh’n” (Kollo/Rideamus/Wolff/Haller), interpretada, entre outros, por Marlene Dietrich. E não há quem não conheça, na Alemanha, o refrão “Berlin bleibt doch Berlin”, um fragmento da canção “So lang noch unter’n Linden die alten Bäume blüh’n”, da *Haller-Revue* “Drunter und Drüber” (1923). Em 1926 Rideamus tornou-se presidente da *Liga dos Libretistas Alemães* e, de 1926 até a subida de Hitler ao poder em 1933, esteve no conselho diretório da GEMA (*Associação para a preservação dos direitos autorais de representações e reproduções mecânicas*).

Com Hitler no poder e com o crescente risco da perseguição promovida pelos nazistas, a família Oliven viu-se obrigada a emigrar no

ano de 1939. Obteve um visto do consulado uruguaio em Frankfurt/M. Vendia-se os pertences e a bagagem, com os itens básicos, foi enviada a Bordeaux, de onde se imaginava prosseguir a viagem de navio. Contudo, pouco antes da partida, soube-se que o Ministério das Relações Exteriores do Uruguai teria vedado a emissão de novos vistos e que os documentos já emitidos teriam perdido sua validade. Sendo assim, os serviços alfandegários no Uruguai recusariam a entrada de viajantes na chegada ao porto uruguaio. Em todo o caso, como os Oliven tinham adquirido suas passagens de navio em uma agência de viagens em Berlim, com filial em Paris, decidiram deixar a Alemanha e viajar para a capital francesa. Lá souberam, por um funcionário desta empresa, que o consulado brasileiro em Marselha ainda emitia vistos, de modo que a senhora Oliven, ainda no mesmo dia, seguiu de trem para o sul da França e, de fato, recebeu um visto do Cônsul brasileiro visto de noventa dias para ela e os demais membros da família. A propósito, sem precisar pagar nenhum valor em dinheiro ou jóias, procedimento freqüentemente adotado naquela época por funcionários dos consulados sul - americanos. Com relação ao Brasil, acrescenta-se ainda que a célebre “circular secreta 1.127” do Governo Vargas – a proibição de emigração para todas as pessoas de origem “semita” – restringiu drasticamente a emissão de vistos. Quanto ao futuro local de moradia, a decisão recaiu sobre Porto Alegre, pois neste local já havia se estabelecido o filho do melhor amigo de Fritz Oliven. Tratava-se aqui de Herbert Caro que, mais tarde, viria a se tornar um dos melhores e mais conhecidos tradutores de literatura alemã. Assim, em 1939, a família Oliven embarcou no mesmo navio que deveria levá-los ao Uruguai; desembarcaram, porém, no porto de Rio Grande, a fim de seguir viagem até Porto Alegre.

Por razões óbvias, era inconcebível dar prosseguimento, no Brasil, ao trabalho literário desenvolvido até então. Sob o título *Rideamus: Die Geschichte eines heiteren Lebens / von ihm selber*, conforme já foi mencionado, foi publicada a única obra em prosa do autor. Como o próprio título sugere, trata-se de uma retrospectiva de vida, trabalhada de forma literária dentro do espírito de seu pseudônimo. As circunstâncias adversas do exílio não conseguiram suplantar consideravelmente o programa de seu trabalho literário, conforme atesta o seguinte excerto do prefácio, o qual contém a típica auto-ironia do autor:

“O riso surge, quando se vê algo incompleto e imperfeito por uma perspectiva torta. Neste aspecto, portanto, posso tranquilizá-los. Pois tudo que escrevi aqui, aliás, toda a minha vida, é tão incompleta e imperfeita quanto possível, e a minha perspectiva é a mais distorcida que se possa imaginar”.